

O CAVALEIRO TEMPLÁRIO DO ITAMARATY CONTRA O “COMUNAVÍRUS”: ERNESTO ARAÚJO E A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA MEDIANTE A PANDEMIA DE COVID-19

André Mendes Pini¹

Izabella Maria Falcão da Cunha²

RESUMO

O presente artigo tem como objeto a política externa do governo Bolsonaro, com foco na atuação do Chanceler Ernesto Araújo à frente do Itamaraty durante a pandemia de Covid-19 entre 2019 e 2021. A pergunta que orienta a pesquisa é: “Como o chanceler Ernesto Araújo influenciou a política externa brasileira voltada ao enfrentamento da pandemia de Covid-19?”. O artigo é estruturado a partir de um estudo de caso que analisa os discursos e as posturas do ex-Ministro em busca de compreender as motivações intelectuais e ideológicas por trás das ações e decisões do Itamaraty ao longo de sua gestão. Demonstra-se que o enfrentamento ao coronavírus foi guiado por perspectivas alinhadas à ideologia de ultradireita do chanceler brasileiro, resultando em um negacionismo científico que prejudicou a adoção de políticas públicas de enfrentamento ao vírus em âmbito nacional, por ter influenciado na menor aquisição de doses de vacina na Covax Facility da Organização Mundial da Saúde (OMS), no relaxamento das medidas sanitárias, na descredibilização nos órgãos internacionais fundamentais no combate à pandemia e, por fim, em graves prejuízos à imagem internacional do Brasil.

Palavras-chave: Política Externa Brasileira; Ernesto Araújo; Pandemia; Covid-19; Ultradireita.

ABSTRACT

This article examines the foreign policy of the Bolsonaro administration focusing on the role of Foreign Minister Ernesto Araújo at the helm of Itamaraty during the COVID-19 pandemic (2019–2021). The central research question guiding this study is: “How did Foreign Minister Ernesto Araújo shape Brazil’s foreign policy response to the COVID-19 pandemic?”. Through a case study approach, the article analyzes Araújo’s public statements and political stances to uncover the intellectual and ideological motivations behind Itamaraty’s actions and decisions during his tenure. The findings reveal that Brazil’s approach to the pandemic was heavily influenced by Araújo’s far-right ideological alignment, which fostered scientific denialism. This stance had detrimental consequences, including: (1) hindered public health policies at the national level, (2) reduced vaccine procurement through the WHO’s COVAX Facility, (3) lax enforcement of sanitary measures, (4) the erosion of Brazil’s credibility within key international organizations tasked with pandemic response, and (5) severe damage to the country’s global reputation.

Keywords: Brazilian Foreign Policy; Ernesto Araújo; Pandemic; Covid-19; Far-right.

INTRODUÇÃO

O diplomata de carreira Ernesto Henrique Fraga Araújo foi Ministro das Relações Exteriores de janeiro de 2019 – data da posse do Presidente Jair Bolsonaro – até março de 2021, promovendo uma flagrante inflexão nos rumos do Itamaraty. O período no qual Araújo ocupou o cargo de chanceler do Brasil também coincide com o início da pandemia de Covid-19, que se tornou o evento internacional mais marcante do início da segunda década do século XXI. O presente trabalho, portanto, é orientado a partir da seguinte pergunta de pesquisa: “Como o

chanceler Ernesto Araújo influenciou a política externa brasileira voltada ao enfrentamento da pandemia de Covid-19?”.

A pesquisa tem como justificativa os impactos que a pandemia de coronavírus deixou no Brasil, com saldo de mais de 700 mil mortes registradas entre 2020 e 2025 (DataSUS, 2025). Tendo em vista que a pandemia de Covid-19 se desenrolou ao longo do governo Bolsonaro (2019-2022), o presente artigo se debruça sobre a política externa brasileira voltada a essa questão, com foco específico na atuação do Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, no período de 2019 a 2021. Por meio do estudo de caso, levantou-se as fontes primárias vinculadas à atuação do chanceler brasileiro, como pronunciamentos oficiais (Araújo, 2019; 2020), e artigos publicados, tanto em sua página pessoal “Metapolítica 17 Contra o Globalismo³” quanto nos Cadernos de Política Exterior do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI). Para além da produção bibliográfica do próprio Ernesto Araújo, os discursos analisados foram selecionados e filtrados a partir da temática vinculada ao combate à pandemia de coronavírus, sendo tanto de ordem escrita quanto oral.

O artigo demonstra que Araújo desempenhou um papel crucial na execução da política externa brasileira também como ideólogo, ao oferecer constantes críticas ao que chamava “globalismo”, a partir de um conjunto teórico associado à ultradireita brasileira com fortes influências do chamado “Olavismo” – termo relacionado à influência do astrólogo Olavo de Carvalho mediante o movimento de ultradireita no Brasil. O resultado da pesquisa aponta para um papel fundamental de Ernesto Araújo na legitimação ideológica das posturas negacionistas do governo Bolsonaro com relação à pandemia de Covid-19 ao denunciar as supostas medidas “totalitaristas” de combate à pandemia, o “comunavírus” enquanto invenção chinesa e o “marxismo cultural” como responsável pelas medidas sanitárias que corresponderiam a políticas “sanitariamente

corretas” – em alusão ao termo “politicamente correto”, visto como pejorativo nos círculos de ultradireita (Araújo, 2020, sem página).

Na primeira seção, realizou-se uma abordagem teórica das bases ideológicas e intelectuais por trás da atual ultradireita brasileira, buscando localizá-la no espectro político e, desse modo, entender seus posicionamentos e motivações nos últimos anos. Na segunda seção, por sua vez, buscou-se observar a maneira pela qual essa ideologia pautou a condução da política externa brasileira sob a gestão de Ernesto Araújo, analisando seus discursos e os rumos da PEB. Por fim, na última seção, buscou-se relacionar essas questões com a pandemia do Covid-19 que assolou o mundo a partir de 2020, analisando, então, as decisões do Ministério das Relações Exteriores (MRE), os discursos de Araújo e suas consequências em meio à crise sanitária global.

ABASE IDEOLÓGICA DE ERNESTO ARAÚJO

A presente seção busca contextualizar as bases ideológicas de ultradireita do governo Bolsonaro, demonstrando os marcos conceituais fundamentais que permitem a realização dessa associação também ao ex-Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo. Assim, pode-se compreender a maneira pela qual o negacionismo da gestão Bolsonaro foi legitimada intelectualmente a partir da influência ideológica da ultradireita brasileira.

Nascida na Revolução Francesa, a noção de “direita” e “esquerda” sobreviveu ao longo dos séculos e veio a tomar outras conotações, com a esquerda associada à busca por mudanças progressistas na sociedade e a direita associada a visões mais conservadoras (Bobbio, 1997). No entanto, no escopo da direita política e ideológica, há um grupo mais radical e hostil às noções de igualdade, que pode ser caracterizada como ultradireita (Mudde, 2019) e que representa a radicalização da política tradicional (Minkenberg,

2013).

A ultradireita é caracterizada no espectro político sobretudo pela sua defesa de uma hierarquia entre os grupos sociais, dividindo-os entre *insiders* e *outsiders* com base em parâmetros de etnia e raça (Jüpskas; Leidig, 2020; Pini, 2021). Essa questão permite a construção de “inimigos” dentro da sociedade, que seriam uma suposta ameaça à sobrevivência e à integridade de uma comunidade imaginada em torno de uma ideia homogênea de “nação”, corroborando políticas e discursos que priorizem um grupo “hierarquicamente superior” e que antagonize essas comunidades “não-legítimas”, que podem ser desde imigrantes até minorias no geral, como a comunidade LGBTQIAPN+, grupos raciais, religiosos ou mesmo ideológicos (Mudde, 2019).

Contudo, o conceito de ultradireita em si é heterogêneo – utilizando termos como extrema-direita ou populismo reacionário – e não há um consenso entre os autores, de forma que, devido à vastidão de definições e ideias envolvendo o fenômeno, o presente artigo opta pela utilização do referencial teórico de Mudde (2000, p. 18), que define a ultradireita como “movimentos – violentos ou não violentos – cujas pautas elencam ao menos três dos seguintes temas: nacionalismo, racismo, xenofobia, antidemocracia ou autoritarismo”, podendo alguns autores preferirem adicionar um atributo ou outro em sua caracterização.

Mudde (2000) aponta que a ultradireita, historicamente, ganhou força em “ondas”. No início do século XXI vislumbra-se a chamada “Quarta Onda” da Ultradireita no plano internacional, inserindo o Brasil nesse contexto, com a principal característica dessa tendência sendo além da popularização da ultradireita o fato de ela ter adentrado o “mainstream” político (Mudde, 2019). Enquanto, há algumas décadas, a Ultradireita esteve principalmente nas margens da política – quando grupos neonazistas mal podiam protestar nas ruas sem serem presos e partidos anti-imigração não tinham representatividade –, hoje se vê o movimento contrário; isto, é sua disseminação e fortalecimento tanto no poder executivo

quanto legislativo de diversos países, como Índia, Estados Unidos, Hungria, Polônia e, evidentemente, o Brasil (Mudde, 2019).

Jason Stanley (2020) aborda a divisão como característica mais marcante desse tipo de política de ultradireita. Isto é, a distinção entre um “nós” e um “eles” que seria criada e solidificada por essa plataforma que o autor associa diretamente ao fascismo. Ademais, é característico dessa ideologia radical aniquilar um senso comum da história e criar um passado mítico idealizado para respaldar suas ideias, distorcendo a linguagem e promovendo o anti-intelectualismo – com ataques a universidades e à ciência em geral.

Na política fascista, analisada por Stanley (2020), os ultranacionalistas evocam uma visão mítica do passado, um passado puro que foi destruído de forma trágica. Esse passado pode ser puro do ponto de vista religioso, racial, cultural ou, mesmo, das três formas juntas. Contudo, há algo em comum: uma versão extrema da família patriarcal impera, dominante, em todas as versões de passados míticos fascistas (Stanley, 2020). Essa idealização serve de base de identidade para a nação governada, em que esse passado romantizado e mitificado se torna um dos fundamentos do futuro ideal. De forma que, para eles, olha-se a história para repeti-la. “Na retórica de nacionalistas extremos, esse passado glorioso foi perdido pela humilhação provocada pelo globalismo, pelo cosmopolitismo liberal e pelo respeito por “valores universais”, como a igualdade” (Stanley, 2020, p. 20).

Dessa forma, essa política terminaria por criar um estado de irreabilidade, no qual o debate fundamentado seria substituído por teorias da conspiração e notícias falsas (Stanley, 2020). Consequentemente, essa política torna possível a sedimentação cada vez maior de crenças falsas e perigosas que vão surgindo devido a essa forma de governar.

Sobre essa temática, Hannah Arendt, em “Origens do totalitarismo”, já observava que:

A eficácia desse tipo de propaganda demonstra uma das principais características das massas modernas. Elas não acreditam em nada visível,

na realidade de sua própria experiência; não confiam em seus olhos e ouvidos, mas apenas em suas imaginações, que podem ser capturadas por qualquer coisa que seja ao mesmo tempo universal e consistente em si mesma. O que convence as massas não são os fatos, nem mesmo os fatos inventados, mas apenas a consistência do sistema do qual elas presumivelmente fazem parte. A repetição, um pouco superestimada em importância devido à crença comum na capacidade inferior das massas de compreender e lembrar, é importante apenas porque as convence da consistência ao longo do tempo (Arendt, 1973, p. 351).

No âmbito brasileiro, o governo Bolsonaro é associado à ultradireita, com a literatura realçando seus aspectos populistas e reacionários (Lynch; Cassimiro, 2022; Pinheiro-Machado; Vargas-Maia, 2023). O Bolsonarismo representaria o culto a uma figura supostamente antissistema preocupada em combater um inimigo doméstico em nome do “povo” legítimo, construindo esse antagonismo a partir de valores reacionários e excludentes que exaltam a religiosidade e o conservadorismo moral em detrimento de valores progressistas.

O reacionarismo bolsonarista seria, desse modo, a expressão do populismo vinculado ao espectro político da ultradireita e apoiado no culto a Deus, à nação ou ao mercado, contra quaisquer grupos que desafiem essas três forças em uma dinâmica que remete ao chamado Tradicionalismo (Lynch; Cassimiro, 2022).

O Tradicionalismo se opõe à Modernidade – aqui, enquanto conceito histórico e sociológico – sendo um movimento filosófico e ideológico heterogêneo contra as transformações geradas pela chamada Era Moderna que ganhou força no âmbito da ultradireita ocidental (Teitelbaum, 2020). A visão Tradicionalista aponta que o progresso e a razão tornaram-se a meta e o caminho de todas as realizações humanas, promovendo o cientificismo como único eixo possível de racionalidade, em detrimento das experiências metafísicas “ancestrais”, fazendo a religião perder força no ambiente público em favor da razão (Teitelbaum, 2020). Essa valorização dos aspectos religiosos da cultura ocidental e o rechaço à ciência e à Modernidade

leva o Tradicionalismo a questionar os avanços sociais, culturais e científicos que marcaram a sociedade ocidental contemporânea, sobretudo na valorização das noções de igualdade e fraternidade vinculadas aos valores progressistas geralmente associados à esquerda (Pini, 2021).

Desse modo, o Tradicionalismo oferece aparatos ideológicos para corroborar as pautas da ultradireita, que passam a adotar o discurso de que o Ocidente estaria em meio a um declínio que só poderia ser interrompido com a retomada dos valores “Tradicionais” da sociedade, em um modelo que se inspira na Idade Média e consolida, portanto, a dimensão reacionária desse movimento.

O Tradicionalismo encontra sua influência no Brasil de Bolsonaro por meio do ideólogo Olavo de Carvalho, condecorado em 2019 com a medalha Grã-Cruz da Ordem de Rio Branco, destinado a personalidade que, supostamente, engrandecem o país, sendo o principal responsável por adaptar ideais do Tradicionalismo à realidade brasileira (Teitelbaum 2020). Desse modo, ao identificar que Ernesto Araújo era de fato muito influenciado pelo “Olavismo”⁴, e que o governo Bolsonaro pode ser abertamente associado à ultradireita, torna-se importante mapear as origens ideológicas de seu pensamento, pois o Tradicionalismo e sua visão negacionista acabaram por impactar as políticas públicas brasileiras em meio ao combate à pandemia de Covid-19.

Por último, outro conceito importante para entender a base ideológica da ultradireita no Brasil, costumeiramente presente nas falas do Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo, é a “metapolítica”. Os grupos radicais de direita, ao compreenderem e acreditarem que, para obter poder e mudanças no âmbito político, precisariam iniciar esse processo de transformação ideológica a partir dos meios sociais – isto é, pela cultura, educação e, até mesmo, pela religião – antes da política efetivamente, nomearam essa abordagem de metapolítica (Teitelbaum, 2020). Alain de Benoist e Guillaume Faye, vinculados à Nova Direita Europeia, defendiam o estabelecimento de um

contraponto a todos os novos valores progressistas advindos do pós-Segunda Guerra Mundial (Pini, 2021). Para eles, a partir daquele momento, valores liberais tornaram-se intrínsecos às sociedades ocidentais, e “conceitos como liberdade e igualdade tornaram-se premissas indiscutíveis” (Pini, 2021, p. 192; Teitelbaum, 2019). Pini (2021) ressalta ainda que um dos aspectos fundamentais que a metapolítica busca combater seria o suposto “marxismo cultural” que dominaria o ethos cultural do Ocidente, “impondo” agendas progressistas, como o multiculturalismo, a igualdade e a defesa de minorias como sinônimos de virtude impassíveis de serem questionados.

Segundo Teitelbaum (2020), a metapolítica compreende que é em meio à cultura e à educação que os nossos valores são formados, não em urnas eleitorais, sendo necessário, portanto, uma ação mais ampla de alteração de valores de uma sociedade antes de buscar resultados políticos. A estratégia metapolítica tem origem na ultradireita europeia e norte-americana, sendo aplicada no Brasil historicamente a partir da popularização de ideólogos como Olavo de Carvalho (Pini, 2021).

O Bolsonarismo pode ser interpretado como um movimento fruto das estratégias metapolíticas adotadas no Brasil, que se beneficiaram do modo de operação das redes sociais para explorar desinformação e teorias da conspiração (Pinheiro-Machado; Vargas-Maia, 2023).

Conclui-se, portanto, que o governo Bolsonaro, de fato, pode ser inserido no âmbito da ultradireita, o que é corroborado pela incorporação de estratégias metapolíticas em seu governo e da ideologia Tradicionalista de Olavo de Carvalho como sua base intelectual. Adiante, demonstra-se o modo pelo qual essa ideologia foi incorporada à política externa brasileira na gestão Ernesto Araújo.

A POLÍTICA EXTERNA DE BOLSONARO SOB A GESTÃO ERNESTO ARAÚJO

A partir de 2019, a política externa brasileira (PEB) sofre uma evidente inflexão com relação aos padrões históricos de atuação do Itamaraty. Com base no enquadramento ideológico da ultradireita, a PEB foi redirecionada, adequando-se à visão ideológica do recém-eleito Presidente Jair Bolsonaro e de seu então Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo. Analisa-se, a seguir, os discursos de Araújo e os caminhos da PEB desde 2019, demonstrando suas inflexões e rupturas.

Segundo Casarões (2019), pode-se avaliar o conteúdo de política externa de candidatos à presidência a partir de três aspectos: seus objetivos, princípios e estratégias. Os objetivos correspondem ao que o Brasil quer de suas relações internacionais e, sendo de comum acordo que a PEB deve servir para desenvolver a nação, os caminhos seriam variáveis para alcançá-lo. Há aqueles que perseguem esse objetivo de maneira autônoma, completamente independente e tendo em vista apenas o interesse nacional; há os que, por outro lado, buscam o desenvolvimento interno através da integração com o mundo; e, por fim, os que escolhem condicionar seu desenvolvimento a alinhamentos específicos, que usualmente são de caráter ideológico ou identitário (Casarões, 2019).

Já os princípios, ou valores, concernem aos fundamentos que orientam o Brasil, e regem suas relações internacionais, pontos que estão solidificados no artigo 4º da Constituição Federal de 1988, como a prevalência dos direitos humanos, solução pacífica dos conflitos, defesa da paz, repúdio ao terrorismo e ao racismo, e cooperação entre os povos para o progresso da humanidade (Brasil, 1988) – de uma maneira geral, todos valores que têm prevalecido desde o fim da Segunda Guerra Mundial como elementos da ordem internacional multilateral (Casarões, 2019).

Em sua candidatura, Bolsonaro demonstrou que, no âmbito da PEB, perseguiria o objetivo de desenvolvimento através de uma reconstrução da identidade internacional do Brasil, de forma que faria alinhamentos cujo

critério seria identitário. Seu foco seria aproximar o Brasil de países democráticos e desenvolvidos, aludindo especificamente, em seu Plano de Governo, à sua aproximação a “democracias importantes, como EUA, Israel e Itália” (PSL, 2018, p. 79). Em termos de princípios da política externa, Bolsonaro adota o discurso “anti-globalista” típico da ultradireita Olavista, e chegou a dizer em entrevista que, se eleito, deixaria a Organização das Nações Unidas (ONU), pois a instituição seria supostamente um local de reunião de comunistas e que não teria compromissos com a América do Sul (Folha de S. Paulo, 2018)⁵. Por fim, Bolsonaro apresentou uma estratégia de relações bilaterais, patente pela sua forte rejeição ao multilateralismo e pela ênfase dada aos acordos bilaterais em seu programa de governo (Casarões, 2019).

Sendo assim, a tradição diplomática brasileira, historicamente associada à ordem internacional por meio de uma inserção internacional universalista e pragmática, sofreu múltiplas inflexões sob o governo Bolsonaro, sob o comando de Ernesto Araújo (Cunha, 2022). O diplomata de carreira já demonstrava afinidade com uma agenda de ultradireita desde antes das eleições presidenciais de 2018, publicando um artigo intitulado “Trump e o Ocidente” nos Cadernos de Política Exterior do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais com elogios ao recém-eleito presidente norte-americano e ícone global da ultradireita, Donald Trump (Araújo, 2017). No artigo, Araújo (2017) alça Trump a uma posição heroica de salvador de um Ocidente que, segundo ele, estaria em declínio, aludindo à retórica Tradicionalista (Ribeiro; Pini; Santos, 2021). Após isso, tornar-se-ia público o seu alinhamento político a Bolsonaro na sua página da internet “Metapolítica 17 Contra o Globalismo”, colhendo os frutos desse apoio com sua nomeação ao cargo de chanceler pelo então Presidente eleito.

Destaca-se, da produção de Araújo, as recorrentes críticas ao suposto “Globalismo” que alegadamente pautava as relações internacionais e que ele definia como a “a globalização econômica que passou a ser

pilotada pelo marxismo cultural” (Araújo, 2017, sem página). Percebe-se a alusão ao termo citado na seção anterior referente à agenda metapolítica da ultradireita global. “Quero ajudar o Brasil e o mundo a se libertarem da ideologia globalista. A fé em Cristo significa, hoje, lutar contra o globalismo, cujo objetivo último é romper a conexão entre Deus e o homem, tornando o homem escravo e Deus irrelevante”, bradava em sua página pessoal o chanceler-templário (Araújo, 2017, sem página). Ao incorporar a agenda Tradicionalista em sua essência, Araújo (2017) ainda mostrava inclinação direta ao conceito de metapolítica, presente, inclusive, no nome de sua página pessoal, acompanhado do número de campanha do então candidato Jair Bolsonaro: “O projeto metapolítico significa, essencialmente, abrir-se para a presença de Deus na política e na história” (Araújo, 2017, sem página).

Fazendo parte do escopo semântico dos círculos de ultradireita, o “Globalismo” a que Araújo (2017) faz referência vincula-se ao “marxismo cultural”, fazendo alusão a supostos ideais da esquerda marxista – que estaria colocando em prática seu suposto plano cultural de tornar o Ocidente mais “multicultural” e “homossexual”, na visão da ultradireita (Pini, 2021). Ademais, o “marxismo cultural” teria criado também a noção de “politicamente correto” – que, para eles, seria outra forma de domínio e homogeneização do pensamento – e, assim, as elites intelectuais adeptas desses princípios seriam, dessa forma, os agentes da “degradação moral” da sociedade (Pini, 2021). Denota-se que esse arcabouço “intelectual” de Araújo converge com o próprio Plano de Governo de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, que já colocava nos últimos 30 anos, “o marxismo cultural e suas derivações como o gramscismo estavam minando os valores da nação e da família” (PSL, 2018, p. 8).

Para Araújo, em sua página pessoal, atualmente os marxistas estariam paulatinamente substituindo o socialismo pelo globalismo como o “estágio preparatório ao comunismo” (Ribeiro, Pini, Santos 2021, p. 15). O

trecho a seguir representa uma citação direta que será reproduzida em sua totalidade para que o leitor perceba o tipo de narrativa que Araújo empreende, buscando reproduzir uma certa erudição às suas ideias conspiratórias:

O globalismo nasceu quando a globalização capitalista, ao esquecer o espírito, entregou-se inconscientemente ao comunismo em sua metástase pós-soviética, ou seja, o marxismo de Gramsci e da New Left, da Revolução Cultural (tanto a ocidental quanto a chinesa), que sempre almejou ocupar o capitalismo por dentro em vez de enfrentá-lo de fora [...] Vemos o processo de uma estranha alquimia ao inverso, que vai conseguindo transformar o ouro espiritual em chumbo inerte. Que escraviza as melhores energias do ser humano - a ciência, a tecnologia, o pensamento, a arte [...] em favor de uma cultura da morte, da mentira e da maldade (Araújo, 2017, sem página).

Ao escrever um texto para o jornal *Gazeta do Povo* (2018)⁶, o ex-chanceler traz esses conceitos aplicados à política do novo governo, exemplificando o “projeto metapolítico” aplicado no Brasil. Nesse artigo, Araújo (2018) afirmou que sua principal missão, confiada pelo presidente, era o de libertar o Itamaraty da ideologia marxista. Segundo ele, fazia muito tempo que o marxismo deixara de buscar o controle dos meios de produção material e passara a procurar o controle dos meios de produção intelectual (Cunha, 2022). De tal forma que: “Vencida na economia, a ideologia marxista, ao longo das últimas décadas, penetrou insidiosamente na cultura e no comportamento, nas relações internacionais, na família e em toda parte” (Araújo, 2018, sem página).

O arcabouço ideológico radical do chanceler-templário engloba uma ampla agenda de ultradireita, como, por exemplo, o negacionismo climático, sendo as mudanças climáticas frequentemente chamadas pelo ex-chanceler de “conspiração marxista” (Casarões; Flandes, 2019). Araújo (2018) conecta ainda princípios e valores associados ao Tradicionalismo e à metapolítica a críticas tanto à política externa brasileira quanto à ordem internacional, afirmando que há pensadores marxistas trabalhando há 100 anos para

promover de forma velada uma penetração cultural, social e política num “projeto de poder” (Araújo, 2018):

As coisas que eu critico, critico-as porque sei que são parte e continuação da ideologia [...]. O alarmismo climático (sobre o qual falarei em outra oportunidade), o terceiro-mundismo automático e outros arranjos falsamente anti-hegemônicos, a adesão às pautas abortistas e anticristãs nos foros multilaterais, a destruição da identidade dos povos por meio da imigração ilimitada, a transferência brutal de poder econômico em favor de países não democráticos e marxistas, a suavização no tratamento dado à ditadura venezuelana, tudo isso são elementos da “ideologia do PT”, ou seja, do marxismo, que ainda estão muito presentes no Itamaraty (Araújo, 2018, sem página).

Outrossim, Araújo deixa clara a sua admiração por Donald Trump, ícone da Quarta Onda de ascensão da ultradireita global. Araújo (2027, p. 323) vincula ao presidente norte-americano a “recuperação do passado simbólico, da história e da cultura das nações ocidentais”, lastreando Trump a autores que formam a base intelectual da ultradireita contemporânea, como Oswald Spengler. Alinhado ao pensamento Tradicionalista, Araújo (2017) ainda ressalta que o nacionalismo seria indissociável da essência ocidental – em um contraponto ao Globalismo – e que, ao se referir ao projeto de Trump para os EUA, conclui: “Em seu centro, está não uma doutrina econômica e política, mas o anseio por Deus, o Deus que age na história” (Araújo, 2017, p. 323).

Araújo (2017) apresenta, além de um forte aspecto religioso vinculado ao Tradicionalismo, a noção de que o Brasil, que, na visão do ex-chanceler, vincula-se diretamente ao Ocidente, possui um passado mítico e simbólico a ser recuperado – em acordo com o tipo de retórica comum a políticos fascistas (ou ultranacionalistas), como aponta Stanley (2020). O revisionismo histórico, de fato, é típico da ultradireita, e, como demonstrado acima, foi uma das marcas também da gestão Araújo no Itamaraty. De fato, como percebido em discursos do chanceler, é um comportamento que se repete:

Durante muito tempo, falavam que não se pode discutir nada. E agora, essa rediscussão vem junto com **a recuperação do passado histórico, a recuperação dos heróis** – herói é um conceito extraordinário que se perdeu, entre tantos outros. E eles estão reconectando-se com isso de maneira muito interessante. Então, acho que é importante olhar para lá nesse sentido. A Europa é um caso interessante de sociedades que estavam completamente adormecidas do ponto de vista histórico e político e que estão renascendo (Araújo, 2019, p. 122, grifo dos autores).

Percebe-se, portanto, que Ernesto Araújo foi responsável por incorporar ideologias da ultradireita ao corpo intelectual da política externa brasileira, fazendo referências constantes ao “marxismo cultural” e ao “Globalismo”. Demonstra-se, assim, que o governo Bolsonaro, ao criticar a suposta carga ideológica do Itamaraty, fazia referência a interpretações particulares acerca da tradição diplomática brasileira e o modo pelo qual ela havia sido implementada nas últimas décadas (Cunha, 2022). Desse modo, coube a Araújo promover as inflexões culturais no Ministério das Relações Exteriores de modo a inserir as ideologias da ultradireita que pautaram o governo Bolsonaro, o que impactou na postura do país frente à pandemia do coronavírus, como evidenciará a próxima seção.

A POLÍTICA EXTERNA DE BOLSONARO E O COMBATE AO “COMUNAVÍRUS”

Tendo em vista a definição ideológica do governo Bolsonaro enquanto pertencente à ultradireita e a incorporação dessa ideologia à política externa brasileira a partir da ação de Ernesto Araújo, a presente seção busca relacionar essas questões com a pandemia do Covid-19, que afligiu o mundo a partir de 2020. Argumenta-se, adiante, que mesmo em meio a uma pandemia global, que, paulatinamente, ocasionou milhares de mortes no mundo, e, em especial, no Brasil, a gestão Araújo no Itamaraty não renunciou às suas interpretações ideológicas acerca dessa questão. Essa postura foi

responsável por graves consequências tanto no cenário doméstico – com o negacionismo associado a políticas públicas ineficientes no combate ao Covid-19 – quanto no plano internacional, com graves prejuízos à imagem do Brasil globalmente (Cunha, 2022).

Com suas postagens nas mídias digitais sendo deletadas por infringirem as políticas das redes sociais, ao disseminar informações incorretas sobre o coronavírus⁷, e com reiteradas negações à seriedade da pandemia⁸, o governo Bolsonaro isolou o Brasil no cenário internacional, fazendo com que o país fosse alvo de escárnio⁹ em reuniões internacionais devido à sua insistência em implementar políticas públicas anticientíficas em meio a uma crise sanitária (G1, 2021; CNN Brasil, 2021; BBC Brasil, 2020; Carta Capital, 2021, Deutsche Welle, 2021). Assim, questões como a divulgação, sem comprovação científica, da cloroquina e da ivermectina como medicamentos eficazes contra o vírus, a crítica ao isolamento social e ao uso de máscaras, mesmo com evidências empíricas sobre seus efeitos positivos para achatar a curva de infecção, e a minimização do novo coronavírus são apenas algumas das ações tomadas pelo governo e seus Ministros desde o início da pandemia. Dessa forma, o negacionismo, o ceticismo e as fake news resultaram na propagação do vírus, quando o papel do Estado era contê-lo.

A disseminação de informações incorretas e de desinformação, ao longo da pandemia, estiveram sob investigação no Brasil desde 2019 por uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), criada pelo Congresso Nacional (Ricard; Medeiros, 2020). De acordo com as testemunhas da investigação, foi identificada a existência de uma estrutura ligada ao gabinete da Presidência, que foi apelidada como “Gabinete do Ódio”, responsável por coordenar a difusão de desinformação em massa, teorias da conspiração e ataques a adversários políticos do Presidente (Ricard; Medeiros, 2020; Estado de S. Paulo, 2019;¹⁰ Correio Braziliense, 2020¹¹). Já no contexto da crise sanitária da Covid-19, a CPMI realizou uma investigação específica sobre os

perfis online que estariam propagando desinformação acerca da pandemia e acabou identificando um fluxo de desinformação em torno de três grandes temas.

O primeiro tema abordado era referente a informações pseudocientíficas sobre sintomas, riscos e curas; o segundo tratava de medidas de prevenção e controle adotadas por outros países e recomendadas por organismos internacionais; e o terceiro objetivava atacar (ou promover) tomadores de decisão ou figuras públicas com o intuito de deslegitimar aqueles que apoiavam medidas de isolamento social e em elogiar os que defendem publicamente o “retorno à normalidade” (Ricard; Medeiros, 2020). Viu-se, dessa maneira, uma atuação intencional do governo de forma a minimizar a gravidade do vírus, menoscar as medidas de isolamento e gerar suspeitas quanto aos dados públicos.

O negacionismo científico aplicado às posições do governo Bolsonaro mediante a pandemia de Covid-19 encontram lastro, de fato, na ideologia de ultradireita discutida anteriormente. O Tradicionalismo, sendo uma ideologia essencialmente contra a Modernidade e, conseqüentemente, o desenvolvimento do pensamento científico, foi a matriz ideológica responsável pela política negacionista do governo Bolsonaro.

Isso fica flagrante em um artigo publicado na página pessoal de Ernesto Araújo na internet (o “Metapolítica 17 Contra o Globalismo”), intitulado “Chegou o Comunavírus”. Nessa publicação, Araújo (2020) afirma que o novo coronavírus trazia novamente o “pesadelo comunista” e que a pandemia representaria uma grande oportunidade para a construção de uma ordem mundial sem nações e sem liberdade. O chanceler-templário afirma ainda que os “comunistas-globalistas” se apropriariam da pandemia para subverter a democracia liberal e a economia de mercado, escravizando os indivíduos e os transformando em um “autômato desprovido de dimensão espiritual” (Araújo, 2020, sem página).

O ex-chanceler vinculou, ainda, a pandemia ao suposto globalismo e ao “marxismo

cultural”:

O vírus aparece, de fato, como imensa oportunidade para acelerar o projeto globalista. Este já se vinha executando por meio do climatismo ou alarmismo climático, da ideologia de gênero, do dogmatismo politicamente correto, do imigracionismo, do racismo ou reorganização da sociedade pelo princípio da raça, do antinacionalismo, do cientificismo (Araújo, 2020, sem página).

O então chanceler, por conseguinte, interpretou que o coronavírus é um plano comunista, reiteradas vezes criticou a Organização Mundial da Saúde (OMS) e comparou as restrições sanitárias aos campos de concentração nazistas, levantando a bandeira de que a liberdade individual estaria acima da saúde coletiva e que isso era uma opressão digna de regimes autoritários. Em seu discurso na 31ª Sessão Especial da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) em resposta à pandemia de Covid-19, em dezembro de 2020, Araújo fala inclusive em “cerceamento da liberdade” e “controle social totalitário”, defendendo que “as liberdades fundamentais não são uma ideologia” e vinculando a dignidade humana à liberdade e a oportunidades econômicas, não prioritariamente à saúde. Isso culminou em seu discurso, no qual afirmou que “O controle social totalitário não é o remédio para nenhuma crise. Não façamos da democracia e da liberdade mais uma vítima da Covid-19” (Araújo, 2020, sem página).

Outrossim, reiterando seu posicionamento contra as restrições sociais ocasionadas pela pandemia e em oposição às medidas sanitárias defendidas pela OMS, Araújo, na Reunião do Conselho do Mercado Comum (CMC) do MERCOSUL, em dezembro de 2020, mencionou em seu discurso que:

A grande crise que ameaça abater-se sobre o mundo, entretanto, não é a crise econômica, nem a crise de saúde, nem a mudança climática. A crise verdadeira virá se, a pretexto de combater as crises de saúde, econômica e os desafios ambientais, sacrificarmos a liberdade e a democracia (Araújo, 2020).

Na contramão do mundo e em oposição às

orientações da OMS, o ex-chanceler brasileiro adotou ainda outras abordagens em relação à pandemia que representam inflexões flagrantes aos princípios históricos que orientam a tradição diplomática do país (Ricupero, 2017). São elas a oposição do Brasil à quebra de patentes da vacina na Organização Mundial do Comércio (OMC) e a decisão de não requisitar a integridade de sua cota no mecanismo *Covax Facility*¹². Assim, ao se opor ao multilateralismo tradicional da diplomacia brasileira e ao criticar reiteradas vezes a OMS no decorrer da pandemia, Ernesto Araújo ignorou e comprometeu a necessidade de coordenação e diálogo em âmbito internacional. Durante uma crise humanitária global que teve na Organização Mundial da Saúde o principal órgão dedicado a estudar e propor políticas públicas de modo a combater o vírus e impulsionar a produção das vacinas (Ribeiro, Pini e Santos, 2021). Isso evidencia que a agenda ideológica vinculada à ultradireita suplantou quaisquer fatores pragmáticos e mesmo de ordem emergencial vinculadas a uma pandemia global sem precedentes, priorizando a manutenção de uma posição negacionista mesmo em meio às centenas de milhares de mortes que se acumulavam no Brasil devido ao coronavírus.

Por conseguinte, posicionando-se contra a quebra de patentes na OMC, que auxiliaria na produção e compra de vacinas, Araújo foi contra o posicionamento esperado do Brasil (Câmara dos Deputados, 2021). Tendo em vista a condição de país emergente, assim como seu histórico diplomático, esperava-se que o Brasil votasse a favor dessa resolução emergencial, assim como a Índia e vários países emergentes fizeram (Deutsche; Welle, 2021)¹³. Porém, o Brasil se posicionou ao lado da União Europeia, Reino Unido e Estados Unidos nessa questão, demonstrando a ausência de pragmatismo na condução da PEB. Além disso, ao negociar com o *Covax Facility* – o consórcio internacional sob supervisão da OMS e da Aliança Mundial para Vacinas e Imunização (Gavi) – a respeito da compra de vacinas, o Brasil teria deixado de adquirir metade das doses possíveis, desistindo

delas às vésperas da conclusão do contrato, como demonstram os documentos de comunicações diplomáticas entre a Embaixada brasileira junto à Organização Mundial da Saúde em Genebra, o governo do Brasil e a Gavi (CNN, 2021)¹⁴.

De fato, Araújo divergiu constantemente da OMS. Em outro exemplo paradigmático do sequestro do Itamaraty pela agenda de ultradireita do chanceler, Araújo continuou defendendo a hidroxicloroquina como tratamento precoce em reuniões internacionais – como visto na Reunião Informal Ministerial da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, em 28 de setembro de 2020, e na reunião do Grupo de Coordenação Ministerial sobre Covid-19, em 10 de setembro de 2020, mesmo após a OMS se pronunciar em março de 2020 e 2021 sobre a ineficácia desse medicamento no combate à Covid-19 (CNN Brasil, 2020¹⁵; 2021¹⁶). Percebe-se, assim, que o fluxo de desinformação gestado e propagado pela ultradireita em meio à pandemia foi elevado a orientação na formulação de políticas públicas, como demonstra as ações de Araújo.

Na presente seção buscou-se demonstrar a influência das ideologias de ultradireita do chanceler Ernesto Araújo em meio às políticas públicas orientadas pela política externa brasileira no período no qual Araújo esteve à frente do Itamaraty, o que ocorreu justamente em meio ao começo da pandemia global de Covid-19. Argumenta-se, assim, que o Brasil rompeu com sua tradição pragmática no exercício da política externa, pautando-se por ações e discursos majoritariamente ideológicos vinculados à ultradireita.

CONCLUSÃO

Percebe-se, portanto, ao analisar as políticas do governo durante a pandemia e os discursos do MRE, que a ideologia da ultradireita foi um fator fundamental que guiou as escolhas dessa administração no período analisado. Ao destrinchar os componentes ideológicos que compõem essa corrente de pensamento, nota-se

seus elementos nas falas e decisões, nas críticas e posicionamentos, desde a defesa de medicamentos miraculosos até a disseminação de teorias da conspiração em torno da crise sanitária enfrentada a partir de 2020. Assim, demonstra-se que Ernesto Araújo baseou suas decisões no repúdio ao globalismo e ao “sanitariamente correto”, na metapolítica enquanto estratégia e no Tradicionalismo enquanto alicerce ideológico que o guiou em oposição ao progresso científico, e, portanto, aos avanços científicos direcionados ao combate à pandemia.

Ademais, percebe-se a desinformação, a negação e o uso de inimigos imaginários como parte da retórica do ex-Ministro de Relações Exteriores quando no cargo, denunciando as medidas “totalitaristas” de combate à pandemia, o “comunavírus” enquanto criação da China e o “marxismo cultural” que estaria supostamente por trás das medidas de combate ao Covid-19, planejadas por uma “elite não eleita” vinculada ao suposto “globalismo” de instituições como a OMS. Ao proferir esses discursos em fóruns e encontros multilaterais, a gestão de Araújo à frente do MRE marca uma quebra dos padrões tradicionais de diplomacia da PEB, sempre pautada no multilateralismo e na confiança em organismos internacionais, privilegiando, assim, concepções radicais de líderes negacionistas como Olavo de Carvalho.

Percebeu-se que, tal qual Trump, a política externa de Bolsonaro visou agradar sua base mais ideológica de ultradireita, atuando, assim, sem qualquer respeito às suas responsabilidades globais e domésticas, associando o Covid-19 a uma “conspiração marxista” e, assim, negligenciando a pandemia e suas consequências. A presente pesquisa, portanto, evidencia um momento histórico no qual o Estado foi cooptado por uma ideologia de ultradireita, negacionista, excludente e autoritária, resultando em mais de 700 mil mortes associadas ao Covid-19 enquanto o chanceler brasileiro brincava de templário à frente do Itamaraty.

NOTAS

¹Doutor em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB). Professor da Universidade Católica de Brasília (UCB).

²Doutoranda em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

³A página original foi retirada do ar, estando disponível somente por meio do Internet Archive no endereço: <https://web.archive.org/web/20211019222208/https://www.metapoliticabrasil.com/>

⁴Como demonstra discurso de Araújo (2020) em sessão plenária da Câmara dos Deputados, em setembro de 2020, no qual o Chanceler admite que Olavo de Carvalho é uma “inspiração” para a formulação da política externa brasileira

⁵“Brasil sairá da ‘ONU comunista’ se eu for eleito, diz Bolsonaro”. Folha de S. Paulo, São Paulo, 18 de agosto de 2018. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/brasil-saira-da-onu-comunista-se-for-eleito-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em 28/02/2022.

⁶Mandato popular na política externa. Gazeta do Povo. 26 novembro de 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/artigo/s/mandato-popular-na-politica-externa-dz03voyxuwbd3ds9rm0n696gh/>. Acesso em 02/02/2022.

⁷YouTube remove live de Bolsonaro com mentira sobre vacina da Covid e Aids e suspende canal por uma semana. G1. 25 de outubro de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/10/25/youtube-live-bolsonaro.ghtml>. Acesso em 07/03/2022.

⁷Youtube remove vídeos de Bolsonaro por informações incorretas sobre Covid-19. CNN Brasil. 21 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/youtube-remove-videos-de-bolsonaro-por-informacoes-incorretas-sobre-covid-19/>. Acesso em 07/03/2022.

⁸'Gripezinha ou resfriadinho' e outras 7 frases controversas de líderes mundiais sobre o coronavírus. BBC Brasil. 07 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52205918>. Acesso em 08/03/2022.

⁹Brasil vira piada em parlamento francês sobre o uso de cloroquina contra a Covid-19. Carta Capital. 14 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/brasil-vira-piada-em-parlamento-frances-sobre-o-uso-de-cloroquina-contra-a-covid-19/>. Acesso em 15/03/2022.

⁹Em carta, diplomatas pedem saída de Ernesto Araújo. DEUTSCHE WELLE. 28 de março de 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/em-carta-diplomatas-pedem-sa%C3%ADda-de-ernesto-ara%C3%BAjo/a-57032691>. Acesso em 19/03/2022.

¹⁰Como funciona o 'gabinete do ódio'? Quanto ele pode comprometer família Bolsonaro? Estadão. 09 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/estadao-podcasts/como-funciona-o-gabinete-do-odio-quanto-ele-pode-comprometer-familia-bolsonaro-ouca-no-estadao-noticias/>. Acesso em 07/03/2022.

¹¹'Gabinete do ódio' vira o conselho da república durante pandemia. Correio Braziliense, 26 de março de 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/26/interna_politica,837799/gabinete-do-odio-vira-o-conselho-da-republica-durante-pandemia.shtml. Acesso em 28/02/2022.

¹²COVAX Facility foi uma iniciativa global liderada pela OMS para garantir acesso equitativo às vacinas contra COVID-19, especialmente para

países de baixa e média renda, dentre eles, o Brasil, visando distribuir doses de forma justa e acelerar o fim da pandemia.

¹³Proposta para suspender patente de vacinas trava na OMC. DEUTSCHE WELLE. 12 de março de 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/sem-apoio-do-brasil-proposta-para-suspender-patente-de-vacinas-trava-na-omc/a-56859401>. Acesso em 18/03/2022.

¹⁴Documentos indicam que Brasil desistiu de mais de 40 milhões de doses do Covax. CNN Brasil. 10 de jun. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/documentos-indicam-que-brasil-desistiu-de-mais-de-40-milhoes-de-doses-do-covax/>. Acesso em 14/03/2022.

¹⁵OMS pede que países não usem remédios não autorizados contra coronavírus. CNN Brasil. 27 de março de 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/oms-pede-que-paises-nao-usem-remedios-nao-autorizados-contra-coronavirus/>. Acesso em: 11/03/2022.

¹⁶OMS: Hidroxicloroquina não funciona contra Covid-19 e pode causar efeito adverso. CNN Brasil. 02 de março de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/03/02/oms-cloroquina-nao-funciona-contra-a-covid-19-e-pode-causar-efeitos-adversos>. Acesso em: 11/03/2022.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. Trump e o Ocidente. **Cadernos de Política Exterior**, v. 3, n. 6., dez. 2017. Disponível em https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-92-cadernos_de_politica_exterior_ano_3_numero_6_segundo_semestre_de_2017. Acesso em 31/01/2022.
- ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. **Discurso de posse do Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo**. In: ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. A nova Política Externa brasileira. Seleção de discursos, artigos e entrevistas do Ministro das Relações Exteriores. Brasília: FUNAG, 2019.
- ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. Chegou o Coronavírus. In: ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. **Política externa: soberania, democracia e Liberdade**. Coletânea de discursos, artigos e entrevistas do Ministro das Relações Exteriores. Brasília: FUNAG, 2020.
- ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. **Metapolítica 17 Contra o Globalismo**, 2018. Disponível em <https://web.archive.org/web/20211019222208/https://www.metapoliticabrasil.com/> Acesso em 23/04/2025.
- ARENDT, Hannah. **The Origins of Totalitarianism**. Nova York: Harcourt Brace, 1973.
- BOBBIO, Norberto. **Left and Right: The Significance of a Political Distinction**. Chicago: University of Chicago Press, 1997.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. Chanceler diz que quebra de patentes não garante maior oferta de vacinas - 24/03/21. Youtube, 24 mar. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3aX5h_WZHGw. Acesso em: 14/03/2022.
- CASARÕES, Guilherme. Eleições, política externa e os desafios do novo governo brasileiro. **Pensamento proprio**, v. 24, p. 231-274, 2019.
- CASARÕES, Guilherme; FLEMES, Daniel. **Brazil First, Climate Last: Bolsonaro's foreign policy**. GIGA Focus, Hamburgo, n. 5, p. 1-13, set. 2019.
- CUNHA, Izabella Maria F. A atuação individual do Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo à frente do Itamaraty em meio à pandemia de Covid-19. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual da Paraíba, 2022.
- DATASUS. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Ministério da Saúde do Brasil, 2025. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 13/01/2025.
- JÜPSKAS, Anders Ravik; LEIDIG, Eviane. **Knowing what's (far) right: A compendium**. Oslo: Center for Research on Extremism, 2020.
- LYNCH, C.; CASSIMIRO, P. **O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo**. São Paulo: Editora Contracorrente. 2022.
- MINKENBERG, M. From pariah to policy-maker? The radical right in Europe, West and East: Between margin and mainstream. **Journal of Contemporary European Studies**, v. 21, n. 1, p. 5–24. 2013. <https://doi.org/10.1080/14782804.2013.766473>

MUDDE, Cas. **The Ideology of the Extreme Right**. Manchester: Manchester University Press, 2000.

MUDDE, Cas. **The Far Right in America**. Londres: Routledge, 2018.

MUDDE, Cas. **The Far Right Today**. Cambridge: Polity Press, 2019.

PINI, A. M. **Desinformação e Populismo Radical de Direita: o caso da eleição de Donald Trump em 2016**. 2021. 300 p. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

PINHEIRO-MACHADO, R.; VARGAS-MAIA, T. **The Rise of the Radical Right in the Global South**. New York: Routledge, 2023. PSL. “O caminho da prosperidade: proposta de plano de governo”, 2018, p. 79.

RIBEIRO, Elisa; PINI, André; SANTOS, Júlio. **O posicionamento do Brasil perante as Nações Unidas, a Organização Mundial da Saúde e a Organização Mundial do Comércio durante a pandemia de Covid-19: Quebra dos padrões tradicionais da diplomacia nacional**. In: ALVES, Gleisse Ribeiro et al. (Org.). **A crise da COVID-19 no Brasil e seus reflexos**. Brasília: CEUB, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/15443/3/A%20CRISE%20DA%20COVID-19%20NO%20BRASIL%20E%20SEUS%20REFLEXOS.pdf>. Acesso em 26/01/2022.

RICARD, J., & MEDEIROS, J. (2020). **Using misinformation as a political weapon: COVID-19 and Bolsonaro in Brazil**. Harvard Kennedy School (HKS) Misinformation Review. <https://misinforeview.hks.harvard.edu/article/using-misinformation-as-a-political-weapon-covid-19-and-bolsonaro-in-brazil/>

RICUPERO, Rubens. **A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016)**. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017.

TEITELBAUM, Benjamin R. Daniel Friberg and Metapolitics in Action In SEDGWICK, Mark (ed.) **Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy**. Londres: Oxford University Press, 2019.

TEITELBAUM, Benjamin R. **War for Eternity: Inside Bannon's Far-Right Circle of Global Power Brokers**. Nova Iorque: Dey Street Books, 2020.